

EVIDENCIAÇÃO DO CAPITAL INTELECTUAL NOS RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE EM ÉPOCA DE PRÉ-CRISE: O CASO DAS EMPRESAS DE ENERGIA ELÉTRICA LISTADAS NA BOLSA DE VALORES BRASILEIRA

Camila Tochetto Zanol ¹

Alex Eckert ²

Marlei Salate Mecca ³

RESUMO

A competitividade obriga as empresas a buscarem um diferencial para manterem-se no mercado, pois apenas máquinas, terra e capital financeiro já não são os principais recursos de uma organização, mas sim, também o seu Capital Intelectual. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo verificar a evidenciação do Capital Intelectual nos relatórios de sustentabilidade de um grupo de empresas de energia elétrica listadas na BM&FBOVESPA (B3), no período que antecedeu a mais recente crise econômica brasileira. A metodologia de pesquisa foi a descritiva, que serviu de base para o estudo de caso múltiplo. Em relação a abordagem, foi tanto quantitativa quanto qualitativa. Como resultado, verificou-se que o fato de não existir uma normatização referente à divulgação do Capital Intelectual, permite que as empresas não utilizem o termo Capital Intelectual, bem como seus componentes: Capital Humano, Capital Estrutural e Capital do Cliente.

Palavras-chave: Capital Intelectual; Relatório de Sustentabilidade; Setor de Energia Elétrica; Evidenciação.

¹ Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul/RS (Brasil). Email: camila_tz@hotmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-9659-5402>.

² Doutor em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul/RS (Brasil). Email: aekert@ucs.br Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8704-9549>.

³ Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul/RS (Brasil). Email: msmecca@ucs.br Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7545-3184>.

EVIDENCE OF INTELLECTUAL CAPITAL IN SUSTAINABILITY REPORTS IN PRE-CRISIS TIMES: THE CASE OF COMPANIES OF ELECTRIC ENERGY LISTED ON THE BRAZILIAN STOCK EXCHANGE

ABSTRACT

The competition has meant that, increasingly, companies seek a differential to remain on the market. Machinery, land and financial capital are no longer the main resources for an organization, but rather, knowledge. This study aims to verify the disclosure of intellectual capital in the sustainability reports of a group of electric companies listed on the BM&FBOVESPA (B3) stock exchange. The research methodology was descriptive, which formed the basis for the multiple case study. For approach was both quantitatively and qualitatively. As result of the research, it was found that the fact that there is no regulation regarding the disclosure of intellectual capital has meant that companies do not use the term intellectual capital and its components: Human Capital, Structural Capital and Customer Capital.

Keywords: Intellectual Capital; Sustainability Report; Electric Power Sector; Disclosure.

1 INTRODUÇÃO

A Contabilidade é responsável pela coleta e processamento dos dados que darão origem as demonstrações ou relatórios publicados pelas organizações (MÜLLER, 2007). De acordo com Ching, Marques e Prado (2007), as notas explicativas, os relatórios administrativos e de sustentabilidade contemplam de forma mais objetiva o desempenho apresentado e os planos de crescimento da organização, ressaltando a parte política e social envolvidos nos dados divulgados.

Cada vez mais tais relatórios se tornam relevantes, levando-se em consideração que a avaliação das empresas já não se baseia apenas no lucro. O investimento no âmbito social e ambiental pode ser evidenciado em programas que visam a qualificação de funcionários, redução de impactos ambientais e aproximação da organização com sociedade na qual está inserida. Dessa forma, muitas organizações passam a investir em um capital extremamente valioso e único, que é o Capital Intelectual.

Drucker (1993), ao analisar a sociedade pós-capitalista, já previa que o maior bem da sociedade seria o conhecimento intrínseco. Sendo assim, o ser humano passa a ser estimado como capital, devido sua força de trabalho e seu conhecimento capaz de originar bens e serviços. Para Stewart (1998), essa capacidade é estabelecida

como uma importante fonte de acumulação de conhecimento e crescimento econômico.

Portanto, o Capital Intelectual pode ser uma nova teoria, mas na prática, está presente há anos, conforme apontam Edvinsson e Malone (1998). Com esse intuito, o presente trabalho explana conceitos referentes ao Capital Intelectual, podendo servir de referência para trabalhos acadêmicos futuros e demonstrar a importância desse capital como forma de criação de valor e diferencial competitivo para as organizações. Diante desse contexto, o estudo tem por objetivo analisar de que forma empresas de energia elétrica listadas na BM&FBOVESPA evidenciaram o Capital Intelectual em seus relatórios de sustentabilidade no período que antecedeu a mais recente crise econômica brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Stewart (1998), diz que o Capital Intelectual é o somatório do conhecimento de todos os indivíduos de uma empresa. Dessa forma, o conhecimento, a propriedade intelectual, a informação e a experiência, constituem a matéria intelectual, que por sua vez, pode ser utilizada na geração de riqueza.

Para compreender o papel do Capital Intelectual, Edvinsson e Malone (1998) utilizam uma metáfora, onde a empresa é comparada a uma árvore. A partir disso, a estrutura física, relatórios anuais, demonstrativos financeiros, notas explicativas e outros documentos constituem o tronco, os galhos e as folhas dessa planta. No entanto, o sistema de sustentação dessa árvore encontra-se abaixo da superfície, nas raízes.

Dessa forma, os referidos autores definem o Capital Intelectual como o estudo das raízes e do valor de uma empresa. Ou seja, o Capital Intelectual resulta da mensuração dos fatores dinâmicos e ocultos que amparam e representam a parte visível (edifícios e produtos) da empresa. Portanto, o Capital Intelectual pode ser dividido em dois grupos: Capital Humano e Capital Estrutural.

Capital Humano é todo o conhecimento, habilidade e capacidade de aperfeiçoar a dinâmica de uma empresa. Já o Capital Estrutural possui a finalidade de armazenar (banco de dados) e transmitir o conhecimento, além de compreender a

infraestrutura e o *empowerment* e apoiar o capital humano. (EDVINSSON; MALONE, 1998).

Mas para autores como Stewart (1998), o Capital Intelectual possui, além do Capital Humano e do Capital Estrutural, um terceiro grupo, o qual denomina Capital do Cliente. Sendo assim, o autor define o Capital Humano como a capacidade da qual o indivíduo necessita para oferecer soluções aos clientes. O autor reforça a importância que este capital possui como fonte de inovação e renovação.

Considera-se importante salientar que o Capital Humano se configura como referencial de sucesso e fator determinante para o futuro da empresa. Caso seu gerenciamento não seja adequado, a organização não terá sucesso, e, conseqüentemente, não atingirá suas metas e objetivos (MARQUES; PALMEIRA, 2011).

No entanto, apesar de ser considerado o de maior relevância, o Capital Humano não produz riquezas sozinho, pois até as pessoas mais inteligentes do mundo precisam de um mecanismo que monte, acondicione, organize e distribua os frutos de seu pensamento. É através do Capital Estrutural que se retém o conhecimento para que ele se torne a propriedade da empresa. Dessa forma, concentra-se o que a organização sabe e entrega-se aos clientes. Como elementos desse capital, destaca-se a estratégia, a cultura, as estruturas e sistemas, as rotinas e procedimentos organizacionais (STEWART, 1998).

O Capital Estrutural no contexto empresarial é um ativo estratégico valioso, composto por ativos não humanos, tais como: sistemas de informação, rotinas, procedimentos e bases de dados. Pode ser descrito também, como a estrutura de uma organização, pois fornece ferramentas para a retenção e disseminação do conhecimento ao longo da cadeia de valor. Isto é, a infraestrutura que apoia o Capital Humano (STEFANO et al., 2014).

No entanto, quando o Capital Intelectual transforma-se em dinheiro, surge o Capital do Cliente. Bassan e Hauschildt (2005) afirmam que é de extrema importância a existência de uma gerência para esse capital, pois os investimentos devem ser feitos em comum acordo com os clientes, ocasionando benefício para ambos.

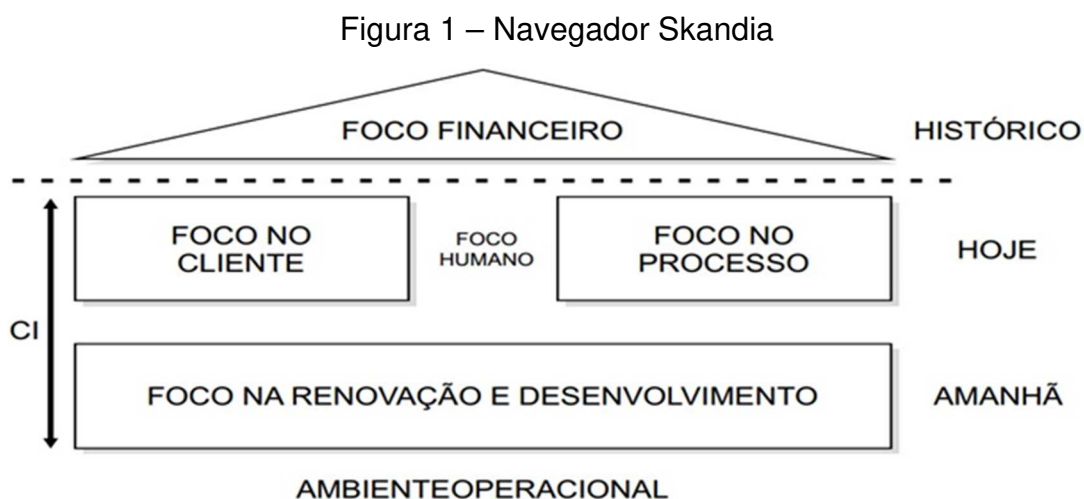
Atualmente, verifica-se que as empresas atribuem maior importância aos clientes. De acordo com Gupta e Lehmann (2006) o Capital do Cliente representa um importante investimento para uma organização, considerando que esse capital é fundamental para sua sobrevivência. Em relação à gestão do Capital Intelectual, Klein (1998) afirma que se inicia com uma mudança de paradigmas, onde a organização terá que transformar a visão que compreende os funcionários apenas como indivíduos, para a de detentores de conhecimento. Dessa forma, cabe à empresa cuidar da criação e do compartilhamento desse conhecimento.

Stewart (1998) em concordância com Edvinsson e Malone (1998) afirma que para gerenciar esse capital, deve-se ter em mente que somente o intercâmbio entre os três pilares (Capital Humano, Capital Organizacional e Capital de Clientes) trará valor a empresa. Antunes (2005) destaca que a gestão do Capital Intelectual parte da percepção e da importância dada pela empresa. Cabe aos gestores analisarem e contemplar o modelo mais adequado para disponibilizar as informações de forma precisa e detalhada para os investidores. Em uma pesquisa recente, Eckert et al. (2016) identificaram que a percepção sobre Capital Intelectual é mais concentrada na categoria dos Capital Humano.

Sob o ponto de vista da mensuração, Brooking (1996) ressalta que o conhecimento do Capital Intelectual é uma fonte rica de informações sobre a organização em sua totalidade, além de ser um instrumento valioso para avaliar a habilidade da organização para atingir objetivos, analisar o valor da empresa, ampliar a memória organizacional entre outros. Contudo, a falta de normatização referente aos elementos do Capital Intelectual e sua difícil valoração, torna a mensuração extremamente complexa, o que faz surgir diferentes modelos de mensuração.

Entre os principais modelos de mensuração destaca-se o navegador Skandia. De acordo com Bassan e Haschildt (2005), desenvolveu-se este navegador com o intuito de incentivar o desenvolvimento do Capital Intelectual com um valor visível, a fim de complementar o Balanço Patrimonial. Desta forma, o modelo demonstra a criação de valor financeiro através da combinação dos elementos do Capital Intelectual, podendo fornecer uma perspectiva do passado, do presente e do futuro da empresa. Esse navegador é considerado referência no que diz respeito à operacionalização da medida do Capital Intelectual.

Para Edvinsson e Malone (1998), através dele é possível avaliar o Capital Intelectual em cinco dimensões: financeira, do cliente, dos processos, da renovação e desenvolvimento e humana, como apresentado na figura a seguir.




Fonte: Edvinsson e Malone (1998, p. 60).

De acordo com os referidos autores, o foco financeiro inclui o Balanço Patrimonial, avaliando como a empresa estava em um momento específico. Posteriormente, volta-se o foco para os clientes e no processo. O primeiro avalia uma categoria distinta de Capital Intelectual, já o foco no processo, volta-se a avaliação para a parte estrutural.

Outro ponto a ser avaliado, será o Foco na Renovação e Desenvolvimento, componente do Capital Estrutural. Este não mede apenas a qualidade do preparo da empresa, ele também foca o provável ambiente de negócios no qual a organização irá operar. Por fim, o Foco Humano, sendo a combinação de experiência e inovação, onde os empregados trazem mais estratégias para empresa e gerentes avaliam o retorno dessa troca de experiências, além de definir se irá alterar ou manter essa combinação.

No entanto, é importante lembrar que existe uma série de outros modelos de mensuração e fórmulas para se calcular o Capital Intelectual. Alguns deles estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Modelos de Mensuração e fórmulas do Capital Intelectual

Modelos	Fórmulas		
Diferença entre Valor de Mercado e Valor Contábil	CI = VM – VC Logo: CI = Capital Intelectual VM = Valor de Mercado da empresa (valor das ações negociadas em Bolsa de Valores) VC = Valor Contábil da Empresa (divulgado no Balanço Patrimonial)		
Razão entre Valor de Mercado e Valor Contábil	 <p>Fonte: Stewart (1998) p. 219</p> CI = VM / VC Logo: CI = Capital Intelectual VM = Valor de Mercado da empresa (Bolsa de Valores) VC = Valor Contábil da Empresa (Balanço Patrimonial).		
Q' de Tobin	Q' = (VMA + VMD) / VRA Logo: VMA = Valor de mercado das ações VMD = Valor de mercado das dívidas VRA = Valor de Reposição dos ativos da firma.		
Mensuração segundo Brooking	Valor da Empresa = Ativos Tangíveis + Capital Intelectual Logo: Ativos tangíveis = Capital financeiro Capital Intelectual = ativos de mercado + ativos humanos + ativos de infraestrutura + ativos de propriedade intelectual.		
Modelo de Sveiby	Ativos Intangíveis		
		Competência das Pessoas	Estrutura Interna
Crescimento/Renovação	Parcela de vendas geradas por clientes, aumento da experiência profissional e rotatividade de competências	Investimentos em tecnologia, tempo dedicado às atividades de pesquisa e desenvolvimento e índices referentes à cultura e aos clientes.	Crescimento no volume de vendas, de participação no mercado, índice de satisfação dos clientes e de qualidade.

	Eficiência	Mudança no valor agregado pelos profissionais assim como a mudança na proporção dos mesmos.	Proporção de pessoal de suporte e suas vendas por funcionários.	Lucro por clientes e vendas por profissionais.
	Estabilidade	Taxa de rotatividade dos profissionais	Idade da organização e taxa de novatos.	Frequência da repetição de pedidos e estrutura etária.

Fonte: Adaptado de Sveiby (2002)

Após a mensuração, o Capital Intelectual deve ser divulgado para que realmente possa ser apresentado como diferencial perante a concorrência. Segundo Mouritsen, Bukh e Marr (2005) e Macedo et al. (2015), o Capital Intelectual deve ser divulgado por vários motivos, conforme explicitado no Quadro 2.

Quadro 2 – Motivos para divulgar o Capital Intelectual

Acionistas minoritários	Caso as informações não sejam evidenciadas, poderá prejudicá-los, devido ao impedimento do livre acesso aos intangíveis da empresa
Comércios entre gestores	Comércio designado a explorar informações privilegiadas das organizações
Liquidez do mercado	Verificar a liquidez de mercado de ações devido a maior evidenciação dos intangíveis.
Risco as instituições	Sem a evidenciação aumenta o risco de estimações imprecisas.

Fonte: adaptado de Mouritsen, Bukh e Marr (2005); Macedo *et al.* (2015)

É importante ressaltar também que a evidenciação do Capital Intelectual passa a ser uma estratégia para gerenciar e captar novos investidores (MACEDO et al., 2015).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em relação aos procedimentos técnicos, o presente estudo caracteriza-se como estudo de caso múltiplo, pois analisa exaustivamente determinados casos (YIN, 2001). Além disso, também possui características de uma pesquisa documental, pois utiliza documentos publicados como fonte de dados (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2002).

Enquadra-se também como pesquisa descritiva, que, de acordo com Barros (2007), o autor não influencia o resultado, apenas descreve o objeto da pesquisa. Por

fim, quanto à abordagem do problema, esse estudo emprega tanto a metodologia quantitativa quanto qualitativa.

Para a obtenção dos dados das empresas da amostra, acessou-se o site da BM&FBOVESPA, onde foram obtidos os relatórios de sustentabilidade de cada uma das empresas selecionadas. É importante ressaltar que os relatórios analisados foram relativos ao ano de 2014, um ano em que o Brasil ainda passava por um momento de estabilidade econômica, mas estava prestes a entrar em um ciclo de recessão.

4 REALIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O setor de Energia Elétrica no Brasil sofre interferências do governo através do CNPE (Conselho Nacional de Política Energética), MME (Ministério de Minas e Energia) e CMSE (Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico). A ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica) é responsável pelas atividades regulatórias e de fiscalização. Em relação ao planejamento, a operação e contabilização desse subsetor são exercidos por organizações públicas ou de direito privado, como EPE (Empresa de Pesquisa Energética), ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) e CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica). No entanto, a geração, transmissão, distribuição e comercialização, são realizadas por outros agentes.

O Brasil ocupa o segundo lugar em geração de energia elétrica, ficando atrás apenas da China (EPE, 2015). O setor elétrico teve um avanço significativo quando comparado o período entre 2001 e 2014. O processo de geração teve um crescimento de 67%, o que representou um recorde para o setor. Já a transmissão da energia teve um aumento superior, chegando a 80%, sendo instaladas 9 mil Km de novas linhas de transmissão no ano de 2014 (ANEEL, 2015).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2015) neste mesmo ano, a energia demandada no país registrou um aumento de 3,1%, contrapondo ao crescimento do PIB nacional de 0,1%. Em contrapartida, houve uma redução na oferta de energia hídrica, tendo uma queda de 5,6% em 2014. Esse fato ocasionou o aumento do uso de energias não renováveis, deixando maior o custo da energia elétrica (BEN, 2015).

A amostra compreende holding e controladoras do setor de Utilidade Pública, mais precisamente o subsetor de Energia Elétrica listadas na BM&FBOVESPA. Para

a obtenção da amostra, levou-se em consideração o fato de que a Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL, através do Ofício Circular nº001/2010, obrigada às empresas de energia elétrica, a investirem no Programa de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico). Esse programa tem o intuito de estimular melhoras no setor e ampliar a transparência entre empresas e clientes. Para a agência, o processo de pesquisa deve ser compreendido como Propriedade Intelectual, devendo a empresa valer-se de seus direitos.

Dessa forma, o setor de energia elétrica fornecerá subsídios para a realização desse estudo. Inicialmente, foi realizada a listagem das empresas. Posteriormente, realizou-se uma análise através de seus sites para que fosse possível verificar a qual holding ou controladora as empresas pertencem, conforme descrito a seguir.

4.1 EMPRESAS ANALISADAS

Após a seleção do setor de energia elétrica para a realização desse estudo, buscou-se através do site da BM&FBOVESPA a listagem das empresas que serão parte da amostra a ser pesquisada. Essa lista contempla 62 empresas, entre elas geradoras, transmissoras, distribuidoras, holdings/controladoras. No entanto, verificou-se que muitas empresas listadas pertenciam a um mesmo grupo, e divulgavam seus relatórios de sustentabilidade de forma conjunta com suas holdings/controladoras.

Dessa forma, a pesquisa voltou-se a analisar no site de cada empresa a qual holdings/controladoras as mesmas pertenciam. A amostra final, que serviu de base para a pesquisa, é composta por 15 holdings/controladoras, como apresenta o Quadro 3.

Quadro 3 – Holdings/Controladoras da amostra

Código	Nome	Caracterização
HC1	AES Brasil	A AES Brasil, em 2014, atendeu mais de 23 milhões de pessoas, auxiliando mais de 550 mil pessoas através de projetos sociais, no qual investiram 113,5 milhões. Seu lucro líquido atual corresponde a 0,5 bilhão de reais (AES BRASIL, 2014).
HC2	Andrade Gutierrez	A área de energia tem como objetivo incentivar o crescimento e a aprimorar os métodos de geração e distribuição de energia nos países em que atua. (ANDRADE GUTIERREZ, 2015)

HC3	CEEE (Comissão Estadual de Energia Elétrica)	Presente em todo o Estado do Rio grande do Sul, o grupo atua nos segmentos de geração, transmissão, distribuição e comercialização de energia elétrica (CEEE, 2015).
HC4	CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina)	A Empresa foi estruturada como <i> Holding</i> , com duas subsidiárias integrais: a Celesc Geração S.A. e a Celesc Distribuição S.A. A CELESC está presente em 92% do estado de Santa Catarina (CELESC, 2015).
HC5	CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais)	A CEMIG é uma holding composta de 214 empresas e com participações em fundos de participações. A CEMIG possui negócios em 22 estados e no Distrito Federal, além do Chile. A empresa visando o crescimento do uso de energias renováveis (CEMIG, 2015).
HC6	COPEL (Cia. Paranaense de Energia)	A Companhia Paranaense de Energia, abreviadamente "Copel", é uma sociedade de economia mista por ações de capital aberto (COPEL, 2015).
HC7	CPFL Energia	A CPFL Energia é líder de participação no mercado nacional de distribuição com 13% do mercado. Atua nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais, atendendo 570 municípios (CPFL ENERGIA, 2015).
HC8	EDP (Energias de Portugal)	Com sede na cidade de São Paulo, a EDP possui ativos em onze estados: Amapá, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins (EDP, 2015).
HC9	ELETROBRAS	A Eletrobras, controlada pelo governo brasileiro, atua nas áreas de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica. A Eletrobras controla grande parte do sistema de geração e transmissão de energia elétrica no Brasil (ELETROBRAS, 2015).
HC10	ENEL	A ENEL é uma holding que atuam nos mercados de geração, distribuição, conversão, transmissão de energia e prestação de serviço. Em termos de faturamento, a ENEL, em 2014, obteve um lucro líquido de R\$ 873 milhões (ENEL, 2014).
HC11	Energisa	Presente em 788 municípios, emprega mais de 10 mil colaboradores. Em 2014, a controladora adquiriu oito empresas distribuidoras e uma geradora, alavancando suas vantagens perante um mercado exigente (ENERGISA, 2015).
HC12	LIGTH	Composto por cinco empresas, o grupo volta suas atividades a questão da sustentabilidade e o respeito ao meio ambiente. Como resultado, o grupo possui as principais certificações internacionais (LIGHT, 2015).
HC13	Neoenergia	É a primeira holding privada do setor no Brasil a receber o grau de investimento da Standard & Poor's (S&P), e está entre os 50 maiores grupos econômicos do país. É o maior grupo privado do setor elétrico em número de clientes (NEOENERGIA, 2015).
HC14	Rede Energia	É uma empresa holding, onde são consolidadas as informações financeiras das companhias do Grupo (REDE ENERGIA, 2015).
HC15	TAESA	Detém 28 concessões de transmissão, possuindo 100% dos ativos de treze concessões. Um dos maiores grupos do Brasil, em termos de Receita Anual (TAESA, 2015)

Fonte: Autores.

A seguir, serão analisados os relatórios de sustentabilidade destas empresas selecionadas.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir das empresas selecionadas, passou-se a analisar de forma quantitativa e qualitativa seus relatórios de sustentabilidade. A seguir, serão evidenciadas as principais características da divulgação do Capital Intelectual.

4.2.1 Análise dos Relatórios de Sustentabilidade de acordo com o modelo de Stewart

Para iniciar as análises, será utilizado o modelo de Stewart, no qual o Capital Intelectual está dividido em três categorias: Capital Humano, Capital Estrutural e Capital do Cliente. No Quadro 4 é analisada a divulgação desses elementos nos relatórios de sustentabilidade.

Quadro 4 – Divulgação dos elementos do Capital Intelectual segundo Stewart

Elementos (Capital Intelectual)	Empresas															
	H C 1	H C 2	H C 3	H C 4	H C 5	H C 6	H C 7	H C 8	H C 9	H C 10	H C 11	H C 12	H C 13	H C 14	H C 15	H C 16
Capital Humano	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Capital Estrutural	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x				
Capital do Cliente	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		

Fonte: Autores.

Com base nesse estudo, pode-se perceber que o Capital Humano vem ganhando espaço nos relatórios de sustentabilidade. Chama a atenção, o fato que todas as empresas analisadas divulgaram este capital. Em segundo lugar, o Capital do Cliente foi evidenciado por 13 empresas. Por fim, o Capital Estrutural apresentou destaque em 11 das empresas analisadas.

Para melhor visualização e facilitar o entendimento, no Quadro 5, são apresentados os elementos mais evidenciados como forma de investimento em cada capital e quais as empresas fizeram a divulgação dos mesmos.

Quadro 5 – Elementos de maior evidenciação do modelo de Stewart

Capital Humano	Capital Estrutural	Capital do Cliente
----------------	--------------------	--------------------

Principal capital da empresa; Satisfação dos colaboradores; Fortalecimento da cultura organizacional; Treinamentos, programas e políticas de desenvolvimento; Aperfeiçoamento de talentos e liderança; Valorização de funcionários; Recrutamento de profissionais alinhados a ideologia da empresa.	Investimento no desenvolvimento de <i>software</i> , sistemas de backup e bancos de dados, com a finalidade de armazenar o conhecimento gerado pela empresa. Desenvolvimento de tecnologias para melhor administração	Busca incessante satisfação dos clientes; Construção de relacionamentos sólidos; Criação de departamentos especializados na Gestão de Clientes; Canal de comunicação para melhorar os serviços prestados e atingir as necessidades dos clientes.
Empresas em que foram evidenciados		
15 empresas HC1, HC2, HC3, HC4, HC5, HC6, HC7, HC8, HC9, HC10, HC11, HC12, HC13, HC14 e HC15	11 empresas HC1, HC2, HC3, HC4, HC5, HC6, HC7, HC8, HC9, HC10 e HC12	13 empresas HC1, HC2, HC4, HC5, HC6, HC7, HC8, HC9, HC10, HC11, HC12, HC13 e HC14

Fonte: Autores.

Os dados apresentados na análise e no Quadro 5 comprovaram, através do modelo de Stewart, que a evidenciação do Capital Intelectual favorece o desenvolvimento e investimento por parte das empresas no Capital Humano, sendo apresentado em todas as empresas, onde também, em alguns relatórios, é citado como o principal capital da empresa.

O Modelo de Stewart é abrangente, envolvendo maior número de elementos a serem avaliados. Com isso constatou-se também que muitas empresas divulgam o Capital Intelectual, ou seja, o Capital Humano, Capital Estrutural e Capital do Cliente, sem utilizar-se dessa nomenclatura. Dessa forma, a análise teve que ser mais criteriosa, para verificar a existência de elementos que fizessem referência ao modelo de Stewart.

Ao comparar os resultados obtidos com estudos anteriores, verificou-se que, em relação a forma de divulgação, houve pouco avanço. Há alguns anos, Sousa, Ensslin e Rein (2008) destacavam que as informações referentes ao Capital Intelectual se davam de maneira qualitativa.

Ressalta-se também que até 2008, segundo os autores Sousa, Ensslin e Rein (2008), o capital no qual as empresas mais investiam era o Capital Externo, que se refere diretamente aos clientes, denominado como Capital do Cliente pela maioria dos

autores. Em contrapartida, o presente trabalho verificou que os três capitais estão evidenciados nos relatórios de sustentabilidade. No entanto, o Capital Humano esteve presente em todas as publicações, demonstrando que o investimento no Capital Humano cresceu consideravelmente.

Os resultados das análises demonstram que cada vez mais as empresas se preocupam com seus colaboradores, buscando qualificá-los e proporcionar melhores condições de trabalho e de vida.

Esse esforço dispensado pela empresa, retorna em forma de lucros e melhoria na cultura organizacional, uma vez que os funcionários se sentem motivados e valorizados pela empresa, tendo possibilidade e incentivo para o crescimento profissional.

4.2.2 Análise dos Relatórios de Sustentabilidade de acordo com o modelo de Skandia

Este modelo dará sequência às análises desse estudo. O modelo Skandia analisa o Capital Intelectual através de cinco dimensões, sendo elas: Financeiro, Cliente, Humano, de Processos, e por fim, Renovação e Desenvolvimento.

No entanto, foi utilizado apenas o Foco Humano, com o intuito de comprovar se o Capital Humano é a principal fonte de investimento do Capital Intelectual. Dessa forma, serão utilizados os principais indicadores desse foco e será analisada a evidenciação dos mesmos nos relatórios de sustentabilidade, conforme apresentado no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 – Foco no Capital Humano – Modelo Skandia

Empresas	H	H	H	H	H	H	H	H	H	H	H	H	H	H	H
	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Elementos (Foco no Humano)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Índices de liderança	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Índice de motivação				x											
Número de empregados	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Rotatividade dos empregados			x				x	x	x	x	x	x	x		
Índice de horas de treinamento	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Desempenho/ meta de qualidade			x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Idade média dos empregados			x	x	x		x	x	x	x	x	x		x	x
Retenção dos empregados		x		x	x			x	x	x	x	x	x		x
Duração média dos contratos								x		x		x			
Número de gestores		x	x	x	x		x		x	x	x				
Porcentagem de gerentes da empresa com especialização			x	x	x		x		x	x	x				
Despesa de treinamento / empregado	x		x	x	x	x	x		x		x	x	x	x	
Porcentagem dos empregados com menos de 40 anos			x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x

Fonte: Autores.

O Foco Humano visa mensurar e avaliar o Capital Humano através de indicadores. Para esse estudo, foram utilizados 13 índices, sendo eles: Índices de liderança, Índices de motivação, Número de Empregados, Rotatividade dos empregados, Índice de horas de treinamento, Desempenho/ meta qualidade, Idade média dos empregados, Retenção dos empregados, Duração Média dos contratos, Número de gestores, Porcentagem de gerentes da empresa com especialização, Despesa de treinamento/empregado e Porcentagem dos empregados com menos de 40 anos.

Todos os itens foram evidenciados, no entanto o Índice de motivação foi publicado apenas pela empresa HC4. Percebe-se que, em todos os relatórios, destaca-se o termo motivação, sendo uma forma de gestores para influenciar seus funcionários, mas a mensuração do índice de motivação ainda é novidade para as empresas. Outro item que não teve grande aceitação nos relatórios de sustentabilidade, foi a evidenciação do tempo médio de contrato.

Em contrapartida, o índice de liderança esteve presente em 14 dos 15 relatórios analisados, comprovando a preocupação com a preparação de líderes. Nessa mesma

linha de raciocínio, constatou-se que o Número de empregados e o Índice de horas de treinamento, estiveram presentes em todas as empresas. Em relação ao número de empregados, verificou-se que as empresas buscam divulgar a quantidade de funcionários em tabelas, nas quais subdivide em relação a gênero, raça, grau de escolaridade e faixa etária.

Já analisando o Índice de horas de treinamento, comprovou-se que as empresas investem no Capital Humano através da capacitação e qualificação de seus colaboradores. Dessa forma, os empregados sentem-se valorizados e percebem a possibilidade de evoluir profissionalmente. Esse processo agrega valor à empresa, uma vez que estão bem preparados e motivados.

Destaca-se também que a idade média dos empregados, assim como a porcentagem de empregados com menos de 40 anos, teve grande evidenciação nos relatórios de sustentabilidade. Em relação à rotatividade e retenção dos empregados, constatou-se que as empresas utilizam programas e benefícios, a fim de aumentar a retenção de empregados e consequentemente reduzir a rotatividade de funcionários.

Dessa forma, verificou-se que a empresa HC1 apresentou o menor grau de aderência aos indicadores do modelo Skandia. No entanto, as empresas HC9 e HC10 divulgaram 11 dos 13 indicadores analisados. Chama a atenção que nenhuma atendeu a todos os itens. Em contrapartida, deve-se levar em consideração que os itens atendidos foram amplamente esclarecidos, o que demonstra a importância dada a esses elementos no relatório de sustentabilidade.

Com esse modelo, finaliza-se a análise referente à evidenciação do Capital Intelectual nos relatórios de sustentabilidade das empresas de energia elétrica. Como forma de resumir as análises realizadas, são apresentadas as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatórios analisados evidenciaram que as empresas de energia elétrica estão publicando em seus relatórios de sustentabilidade os elementos que compõem o Capital Intelectual. A utilização de dois modelos (Stewart e Skandia) auxiliou a visualização de qual componente do Capital Intelectual teve maior destaque e quais as principais características apresentadas por eles.

Destaca-se que o termo Capital Intelectual parece ser algo novo para as empresas. Porém, muitos autores já se preocupavam com o tema desde 1969, entre

eles: Galbraith, Drucker, Stewart, Edvinsson e Malone. Desde então, muitos estudos foram realizados e cada vez tornava-se mais evidente a importância desse capital.

No entanto, a falta de padronização referente à divulgação do Capital Intelectual, dificulta a análise. Segundo Kateb (2014), a divulgação do Capital Intelectual está diretamente ligada à falta de padronização contábil referente ao tema, ideia que já vinha sendo defendida por Abeysekera (2006), o qual afirma que as definições do Capital Intelectual não abordam de forma adequada a importância desse capital na criação de valor para a empresa. Inúmeras vezes os termos Capital Humano, Capital Estrutural e Capital do Cliente, não são publicados, e sim características e elementos que reportam aos conceitos.

Percebe-se também que, em relação às publicações analisadas, apenas uma evidenciou o valor monetário do Capital Intelectual, mas não esclareceu qual a forma de mensuração utilizada. As demais empresas, evidenciaram de forma descritiva, expressando através de características as principais fontes de investimento no Capital Intelectual e os principais retornos.

Salienta-se a importância que esse capital tem para a organização, e verifica-se que as empresas estão se adequando e buscando melhorias em relação a divulgação desse diferencial. Cabe ressaltar que o Capital Intelectual pode ser considerado como o principal capital da empresa, apresentando como a principal fonte de criação de valor, uma vez que o conhecimento, a qualificação e a inovação dependem muito mais dos colaboradores do que apenas da tecnologia.

No presente estudo, através da análise, constatou-se que todos os componentes (Capital Humano, Capital Estrutural e Capital do Cliente) estiveram presentes nos relatórios de sustentabilidade. O Capital Estrutural esteve presente em 11 das 15 empresas analisadas. Os termos mais utilizados para descrever esse capital referem-se ao investimento no desenvolvimento de software, sistemas de backup e bancos de dados. A pesquisa comprovou que as empresas investem no Capital Estrutural com a finalidade de armazenar o conhecimento gerado pela empresa e desenvolvimento de tecnologias para melhor administração.

Em relação ao Capital do Cliente, verificou-se que as empresas levam em consideração as opiniões e reclamações dos clientes, buscando a melhoria contínua de seus serviços. Como principais características apresentadas, estão a busca

incessante pela satisfação dos clientes, construção de relacionamentos sólidos, criação de departamentos especializados na gestão de clientes além de um canal de comunicação para melhorar os serviços prestados e sanar as necessidades de cada cliente. Esse capital foi evidenciado por 13 das 15 empresas analisadas.

Por fim, o Capital Humano esteve presente em todos os relatórios de sustentabilidade analisados. Este, por sua vez, foi publicado como o principal capital da empresa, o que comprova a importância dada a esse componente. Constatou-se também que, como forma de investimento, está o treinamento e políticas de desenvolvimento, aperfeiçoamento de talentos e liderança e valorização de funcionários.

Após os resultados da análise de Stewart, buscou-se aprofundar e confirmar a proposição de que as empresas estão investindo e divulgando o Capital Humano como principal componente do Capital Intelectual. Através dos principais índices relacionados ao Foco Humano do modelo Skandia, verificou-se que as empresas estão investindo e buscando desenvolvimento do Capital Humano da organização. Nessa análise, comprova-se que a principal forma de investimento nesse capital é o treinamento. Com o treinamento, as empresas buscam qualificar o serviço prestado pela organização, profissionalizar e valorizar seus colaboradores. Dessa forma, ao sentirem-se motivados, trarão retornos financeiros e organizacionais, como a baixa rotatividade, que influencia na cultura e no clima organizacional.

No entanto, a amplitude do tema não possibilitou que a pesquisa aprofundasse todos os componentes do Capital Intelectual, bem como a realização de comparações dos resultados encontrados no setor de energia elétrica com demais setores da economia. Apesar das limitações, acredita-se que esse estudo poderá servir de referência para trabalhos futuros.

Por fim, essas limitações poderão ser consideradas como sugestões para futuros trabalhos, bem como a mensuração do Capital Intelectual, através de outros modelos. Além disso, estudos futuros podem apresentar alguma comparação periódica (estudo longitudinal) para verificar se houve um aumento ou uma melhora na qualidade das informações referentes ao Capital Intelectual, e também se ocorreram mudanças, a partir do momento em que a crise brasileira começou a apresentar indícios de melhora.

REFERÊNCIAS

- ABESCO - Associação Brasileira de Empresas e Serviços de Conservação de Energia. **Eficiência Energética**. Disponível em: <http://www.abesco.com.br>. Acesso em: 18 out. 2019.
- ABEYSEKERA, Indra. The Project of Intellectual Capital Disclosure: Researching the Research. **Journal Of Intellectual Capital**, v. 7, n. 1, p. 61-77, 2006.
- ABRADEE - Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica. **Agentes Energéticos**. Disponível em: <http://www.abradee.com.br>. Acesso em: 18 out. 2019.
- AES Brasil. **Relatório de Sustentabilidade AES Brasil 2014**. Disponível em: <http://www.aesbrasil.com.br/Paginas/aes-brasil.aspx>. Acesso em: 03 nov.2019.
- ANDRADE, Gutierrez. **Relatório de Sustentabilidade Andrade Gutierrez 2014**. Disponível em: <http://www.andradegutierrez.com.br/Energia.aspx>. Acesso em: 03 nov. 2019.
- ANEEL - Associação Nacional de Energia Elétrica. **P&D Eficiência Energética**. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br/>. Acesso em 17 out. 2019.
- ANTUNES, Maria Thereza Pompa. O Capital Intelectual Segundo o Entendimento de Gestores de Empresas Brasileiras. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 7, p.9-20, 2005.
- ANUÁRIO DE ENERGIA ELÉTRICA. **Anuário Estatístico de Energia Elétrica 2015**. Disponível: <http://www.epe.gov.br/AnuarioEstatisticodeEnergiaEletrica/Forms/Anurio.aspx>. Acesso em: 18 out. 2015.
- BASSAN, Cristiane Cervi; HAUSCHILDT, Rogério. Mensuração do Capital Intelectual: Um Desafio Importante para a Contabilidade. **Revista Eletrônica de Contabilidade - Curso de Ciências Contábeis Ufsm**, Santa Maria, v. 1, n. 2, p.1-1, 2005.
- BEN - Balanço Energético Nacional. **Relatório Síntese**. Disponível em: <https://ben.epe.gov.br/>. Acesso em: 18 out.2019.
- BROOKING, Annie. **Intellectual Capital: Core Asset for the Third Millennium Enterprise**. Londres: International Thomson Business Press, 1996.
- CCEE - Câmara de Comercialização de Energia Elétrica. **Indicadores Operacionais**. Disponível em: <http://www.ccee.org.br/>. Acesso em: 17 out. 2019.
- CCEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica. **Relatório de Sustentabilidade Companhia Estadual de Energia Elétrica 2014**. Disponível em: <http://www.aesbrasil.com.br/Paginas/aes-brasil.aspx>. Acesso em: 03 nov. 2019.
- CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina. **Relatório de Sustentabilidade das Centrais Elétricas de Santa Catarina 2014**. Disponível em: <http://novoportal.celesc.com.br/portal/>. Acesso em: 03 nov. 2019.
- CEMIG – Companhia Energia Elétrica de Minas Gerais. **Relatório de Sustentabilidade Companhia Energética de Minas Gerais 2014**. Disponível: <http://www.cemig.com.br/ptbr/Paginas/homepage.aspx>. Acesso em: 03. nov. 2018.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CHING, Hong Yuh; MARQUES, Fernando; PRADO, Lucilene. **Contabilidade & Finanças: Para não Especialistas**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2007.

CMSE - Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico. **Atribuições do CMSE**. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/web/guest/conselhos-e-comites/cmse>. Acesso em: 17 out.2019.

CNPE - Conselho Nacional de Política Energética. **Atribuições do CNPE**. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/web/guest/conselhos-e-comites/cnpe>. Acesso em 14 out. 2019.

COPEL. **Relatório de Sustentabilidade Companhia Paranaense de Energia Elétrica 2014**. Disponível em: <http://www.copel.com/hpcopel>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CPFL – Companhia Paulista de Força e Luz. **Relatório de Sustentabilidade Companhia Paulista de Força e Luz 2014**. Disponível em: <http://www.cpfl.com.br/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 03 nov. 2019.

DRUCKER, Peter. **Post- Capitalist Society**. Nova York: HarperBusiness, 1993.

ECKERT, Alex; BERTOLLA, Fernando Luís; CAMARGO, Maria Emilia; ZANANDREA, Gabriela. A percepção sobre os fatores que geram o capital intelectual: Um estudo comparativo entre alunos de graduação e pós-graduação. **Espacios**, v. 37, n. 26, 2016.

EDP – Energia de Portugal. **Relatório de Sustentabilidade Energia de Portugal 2014**. Disponível em: <http://www.edp.com.br/inovacao-sustentabilidade/canal-desustentabilidade.aspx>. Acesso em 03 nov. 2019.

EDVINSSON, Leif; MALONE, Michael S. **Capital Intelectual: Descobrimo o Valor Real de Sua Empresa pela Identificação de Seus Valores Internos**. São Paulo: Makron Books, 1998.

ELETROBRAS. **Relatório Anual de Sustentabilidade Eletrobrás 2014**. Disponível: <http://www.eletrobras.com/elb/data/Pages/LUMIS293E16C4PTBRIE.htm>. Acesso em: 03 nov. 2019.

ENEL. **Relatório de Sustentabilidade ENEL 2014**. Disponível em: <http://www.enelgreenpower.com/pt-PT/brazil/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

ENERGISA. **Relatório de Sustentabilidade Energisa 2013**. Disponível em: <http://holding.grupoenergisa.com.br/paginas/sustentabilidade/relatorios.aspx>. Acesso em: 03 nov. 2019.

EPE - Empresa de Pesquisa Energética. **Consumo de Energia**. Disponível em: www.epe.gov.br. Acesso em: 17 out. 2015.

GUPTA, Sunil; LEHMANN, Donald R. **Gerenciando Clientes como Investimentos: O valor estratégico dos clientes a longo prazo**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudos e Pesquisas Estruturais**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/estudos_especiais.php. Acesso em: 17 out. 2019.

KATEB, Inés. The determinants of intellectual capital disclosure: Evidence from French stock exchange. **International Journal Of Accounting And Financial Reporting**. Tunisia, v.4, n.2, p. 628-646, 2014.

KLEIN, David A. **A Gestão Estratégica do Capital Intelectual**: Recursos para a economia baseada em conhecimento. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1998.

LIGHT. **Relatório Anual de Sustentabilidade LIGHT 2013**. Disponível em: <http://www.light.com.br/para-residencias/SitePages/default.aspx>. Acesso em: 03 nov.2019.

MACEDO, Álvaro Fabiano Pereira de; OLIVEIRA, Adriana Martins; NOBRE, Liana Nepomuceno; BRITO, Simone Gurgel; QUANDT, Carlos Olavo. Governança Corporativa e Evidenciação de Capital Intelectual em Empresas Brasileiras **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, João Pessoa, v. 3, p.18-33, 2015.

MME - Ministério de Minas e Energia. **Destaques do Setor de Energia**. Disponível em: <http://www.mme.gov.br>. Acesso em 17 out. 2019.

MOURITSEN, J; BUKH, P. N.; MARR, B. **Perspectives to informing the intellectual capital**. Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.

MÜLLER, Aderbal Nicolas. **Contabilidade Básica**: Fundamentos essenciais. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2007.

NEOENERGIA. **Relatório de Sustentabilidade Neoenergia 2014**. Disponível em: <http://www.neoenergia.com/Pages/Default.aspx>. Acesso em: 03 nov.2019

ONS - Operador Nacional de Energia Elétrica. **Atuação da ONS sobre o Sistema Interligado Nacional**. Disponível em: <http://www.ons.org.br/home>. Acesso em: 03 nov. 2019.

REDE ENERGIA. **Relatório de Sustentabilidade Rede Energia 2012**. Disponível em: <http://www.b2i.cc/Document/1592/136397.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.

SOUSA, Bruno José; ENSSLIN, Sandra Rolim; REIN, Donizete. Um Estudo sobre a Evidenciação de Capital Intelectual nos Relatórios da Administração das 15 Maiores Distribuidoras de Energia Elétrica do Brasil nos anos de 2006 e 2007. **Revista Unb Contábil**, Brasília, v. 11, p.187-207, 1 dez. 2008.

STEFANO, Nara Medianeira; CASAROTTO, Nelson Filho; FREITAS, Maria do Carmo Duarte; MARTINEZ, Miguel Angel Tobias. Gestão de ativos intangíveis: implicações e relações da gestão do conhecimento e capital. **Revista Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v.4, n.1, p. 22-37, 2014.

STEWART, Thomas A. **Capital Intelectual**: A Nova Vantagem Competitiva das Empresas. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SVEIBY, Karl Erik. **A nova riqueza das organizações**: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

TAESA. **Relatório de Sustentabilidade Taesa 2015**. Disponível em: <http://www.taesa.com.br/>. Acesso em: 03 nov. 2019

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.